

**CENTRO PAULA SOUZA**  
**Escola Técnica Estadual Parque da Juventude**  
Técnico em Biblioteconomia

**CONSERVAÇÃO PREVENTIVA DE PERIÓDICOS:  
UM ESTUDO DE CASO COM REVISTAS DE FOTONOVelas**

Bruno Dionísio da Silva<sup>1</sup>

Denise Aparecida Silva<sup>2</sup>

Isabel Silva Sampaio<sup>3</sup>

**Resumo:** Este trabalho teve como objetivo principal discutir a conservação preventiva, um dos conceitos fundamentais da Biblioteconomia, com foco na conservação de periódicos – jornais e revistas – impressos em suporte papel. Para tanto, foi realizado um estudo de caso de conservação preventiva de um acervo particular de revistas de fotonovelas, um tipo de publicação bastante popular no Brasil nas décadas de 1960 e 1970. Os resultados mostram que os aspectos fundamentais da conservação, como a higienização e o acondicionamento adequado, podem garantir a preservação desse tipo de acervo, em boas condições, por muito tempo.

Palavras-chave: conservação preventiva; periódicos impressos; revistas de fotonovela.

## **1 INTRODUÇÃO**

A conservação preventiva é um dos conceitos fundamentais da Biblioteconomia, principalmente em se tratando de acervos antigos e/ou raros. No caso dos periódicos, como jornais e revistas, o tipo de papel e outros materiais usados em sua confecção (como grampos e tinta de impressão) podem torná-los mais suscetíveis à deterioração provocada por agentes físicos e biológicos. No entanto, existem poucos estudos, dentro do tema da conservação de acervos, que

---

<sup>1</sup>É jornalista e aluno do curso Técnico em Biblioteconomia da ETEC Parque da Juventude, em São Paulo – SP.

<sup>2</sup>É Técnica em Secretariado e aluna do curso Técnico em Biblioteconomia da ETEC Parque da Juventude, em São Paulo – SP.

<sup>3</sup>É jornalista e aluna do curso Técnico em Biblioteconomia da ETEC Parque da Juventude, em São Paulo – SP.

tratam especificamente desse tipo de publicação. Por isso, considerou-se relevante a realização desta pesquisa, que trata da guarda e conservação preventiva de periódicos, com um recorte específico sobre as revistas de fotonovelas.

A pergunta de pesquisa que norteou a realização do trabalho foi: Quais são as práticas mais adequadas para a guarda e conservação preventiva de periódicos (revistas e jornais), e mais especificamente, revistas de fotonovelas?

A partir deste questionamento, estabeleceu-se, como objetivo principal do trabalho, conhecer e entender quais são as melhores práticas para a guarda e conservação de periódicos, mais especificamente, revistas de fotonovelas. Como objetivos específicos, pretende-se: a) realizar revisão da literatura sobre o tema; b) realizar visitas técnicas (duas) a instituições que possuem esse tipo de publicação em seu acervo; c) realizar um estudo de caso num acervo particular de revistas de fotonovelas.

A metodologia utilizada para a realização da pesquisa incluiu a revisão bibliográfica, pesquisa de campo (visitas técnicas) e entrevistas com especialistas, e um experimento de aplicação das técnicas de conservação preventiva a uma coleção particular de revistas de fotonovelas.

## **2 O CONCEITO DE CONSERVAÇÃO PREVENTIVA NA BIBLIOTECONOMIA**

Martins (1996) afirma que, até a Renascença, as bibliotecas eram lugares mais ou menos sagrados, ou, pelo menos, religiosos, ao qual tinham acesso apenas aqueles que faziam parte de uma certa “ordem” ou “corpo” igualmente religioso ou sagrado. E nessas bibliotecas, os livros deviam ser guardados e escondidos de olhos profanos. Naturalmente, buscava-se conservar da melhor forma possível os livros e papéis ali guardados, mas o conceito de conservação preventiva, com o objetivo específico de fazer o objeto durar o máximo possível, é muito mais recente.

Caldeira (2005-2006, p. 99) afirma que:

A Conservação Preventiva surgiu, solidamente, como campo de trabalho e pesquisa científica, nos Estados Unidos, na década de 80, estabelecendo-se como atividade responsável por todas as ações tomadas para retardar a deterioração e prevenir danos aos bens culturais por meio da provisão de adequadas condições ambientais e humanas.

De acordo com Caldeira (2005-2006), o crítico de arte britânico John Ruskin (1819-1900) foi um dos primeiros autores a mencionar a questão da conservação de bens culturais como forma de prevenir a sua degradação. Ruskin defendia a chamada “teoria romântica da restauração”, que preconizava a “intocabilidade do monumento degradado”. Ele acreditava que os monumentos antigos deviam ser mantidos sem modificações, já que as marcas de sua destruição eram, em si mesma, belas.

As concepções de Ruskin foram depois retomadas pelo arquiteto italiano Camillo Boito (1836-1914), que associou a teoria de John Ruskin à necessidade do restauro, para prolongar a vida dos bens culturais por meio de técnicas de conservação e restauro minimamente invasivo.

Em 1931, foi realizado em Atenas, na Grécia, o 1º Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos de Monumentos Históricos, promovido pela Comissão Internacional de Cooperação Intelectual (CICI), um órgão consultivo da Liga das Nações. Das discussões realizadas nesse encontro resultou a Carta de Atenas, um dos primeiros documentos a estabelecer o caráter científico da conservação preventiva, ao definir a conservação como sendo “a disciplina responsável pela salvaguarda do patrimônio monumental por meio da manutenção permanente e da associação de técnicas provenientes de várias ciências” (Caldeira, 2005-2006).

Em 1987, foi publicada a Carta Italiana, como resultado das discussões do Congresso Internacional sobre Bens Culturais e Ambientais promovido naquele ano pelo Centro Internacional de Estudos para a Conservação e Restauro de Bens Culturais, instituição intergovernamental afiliada à UNESCO.

Esse documento é considerado, até hoje, uma das legislações mais abrangentes do mundo na área de bens culturais. Apresenta definições que foram posteriormente incorporadas à conservação preventiva, como a “linha de ação” a ser utilizada na preservação desses bens: conservação, prevenção, salvaguarda, manutenção e restauração, ratificando as correlações entre esses conceitos, afirmando que a conservação e restauração podem não acontecer de forma simultânea, mas que são complementares, e que um programa de restauração não pode prescindir de um adequado programa de salvaguarda, manutenção e prevenção (Caldeira, 2005-2006).

A Carta Italiana traz um anexo específico com recomendações sobre a conservação preventiva de livros e outros impressos, por exemplo, a orientação para que, em casos de restauração, sejam evitadas todas as operações que possam alterar o aspecto e o valor global dos exemplares. Nesse sentido, o documento aconselha que esses materiais sejam conservados de modo a impedir danos e a manter a funcionalidade das obras. Indica ainda a necessidade de realização de verificações periódicas sobre o estado de conservação dos acervos, e oferece orientações sobre as condições mais adequadas para a conservação preventiva desses materiais (Caldeira, 2005-2006).

Monteiro (2021, p. 27) aponta que:

Na conservação preventiva, há a intenção de criar um diagnóstico, isto é realizar um mapeamento de todos os riscos a que estão sujeitos os acervos documentais ou bibliográficos e, pensando nos recursos econômicos e na demanda por proteção, priorizar o que pode ser tratado ou não de forma imediata.

De acordo com Seripierri et al (2005), a conservação preventiva de documentos e publicações em papel está centrada em três aspectos principais: a higienização, que corresponde à limpeza de superfície, isto é, à retirada de poeira e outros resíduos estranhos aos documentos, por meio de técnicas apropriadas; os pequenos reparos, que são intervenções a serem executadas para interromper o processo de deterioração; e o acondicionamento e armazenamento dos documentos ou publicações, de acordo com suas características específicas.

No entanto, Monteiro (2021) destaca que, na verdade, a conservação preventiva deve procurar realizar uma intervenção mínima, e não deve envolver a utilização de processos químicos ou outros que possam afetar a integridade original do objeto que se pretende conservar, principalmente quando se trata de livros, periódicos ou documentos em suporte papel.

Discutindo as práticas de conservação do acervo de jornais e revistas da Biblioteca Mário de Andrade, Okubo, Silva e D'Angelo (2009, p. 24) relatam que:

As recomendações técnicas para o tratamento emergencial da Coleção Geral tiveram como ações principais a higienização e o acondicionamento adequado em revisteiros fechados para as coleções de revistas não encadernadas, e caixas rígidas de papelão com proteção plástica interna para jornais, e tiveram como objetivo principal minimizar os fatores de degradação.

Os autores ressaltam que, além de preservar, o uso das caixas e revisteiros também facilita a localização e o manuseio das coleções, evitando as ações de desamarrar e reamarrar os fascículos de cada título, consideradas prejudiciais para as coleções (Okubo; Silva; D'Angelo, 2009).

Outro ponto mencionado por todos os autores consultados é a importância do controle do ambiente no qual se encontram as coleções ou acervos a serem conservados, em relação a umidade, temperatura e presença de agentes biológicos ameaçadores (como fungos, insetos e roedores).

Beck (2014, p. 257) relata que:

Entre 1997 e 2001, desenvolveu-se, no Brasil, o projeto cooperativo interinstitucional Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos, com o apoio das fundações Mellon, Vitae e da *Commission on Preservation and Access*. O projeto traduziu para o português, publicou e distribuiu, gratuitamente, 53 textos sobre preservação de acervos textuais, fotográficos, filmicos, magnéticos e digitais. Realizou seminários nas cinco regiões do país e formou uma rede de cooperação que, nos anos seguintes, contribuíram na difusão de informações sobre conservação preventiva, envolvendo profissionais de um grande número de instituições.

Segundo a autora, esta foi a primeira iniciativa de grande alcance realizada no Brasil, a respeito da conservação preventiva.

Um dos resultados positivos desse programa, de acordo com Beck (2014), foi a compreensão de que, num país como o Brasil, é difícil manter as condições de temperatura e umidade ideais, conforme proposto pelos manuais europeus e norte-americanos. Assim, várias instituições contribuíram com ideias para viabilizar o controle ambiental de forma mais adequada ao clima local, por exemplo, usando ventiladores e desumidificadores ao invés de apenas aparelhos de ar condicionado.

Além disso, a autora destaca a importância do programa para o estabelecimento da obrigatoriedade de se incluir os conteúdos relacionados à conservação preventiva nos cursos de Biblioteconomia e Arquivologia, garantindo assim a formação de profissionais qualificados para o exercício dessa função dentro das bibliotecas e arquivos do país (Beck, 2014).

### 3 A REVISTA, VEÍCULO DA ERA MODERNA

De acordo com Martins (2001), a primeira publicação a receber o nome de “revista” (do inglês *review*) surgiu na Alemanha, em 1663, com um nome muito comprido: *Erbauliche Monaths-Unterredungen*, algo como “Edificantes Discussões Mensais”. Outros títulos surgiram na Europa ainda no século XVII, como a francesa *Le Mercure* (1672) e a inglesa *The Athenian Gazette* (1690). Nessa época, as revistas abordavam assuntos específicos e pareciam mais coletâneas de informações didáticas. Aparentemente, o objetivo dessas publicações era “promover o saber e o conhecimento”.

A primeira revista feita no Brasil teria sido criada em Salvador, em 1812, sob o título *As Variedades* ou *Ensaios de Literatura*, abordando temas literários e eruditos. Outra publicação considerada pioneira no Brasil (mas impressa em Paris) foi a *Niteroy – Revista Brasiliense – Sciencias, Letras e Artes*, lançada em 1836 por um grupo de intelectuais brasileiros, e que durou apenas dois números. E em 1839 foi lançada a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, que tratava de temas científicos e culturais, e é a revista mais antiga ainda em circulação no Brasil.

Martins (2001, p. 42) destaca que:

A partir da segunda metade do século XIX, a revista passou a ser publicação emblemática, expressão das exigências da vida moderna, assim percebida por Eça de Queirós, em 1897, habitual colaborador das páginas daqueles periódicos: “(...) A *Revista* é essa dedicada amiga que destaca da massa sombriamente movediça, cenas e atores que, por um momento, merecem risos e lágrimas”.

De acordo com Mira (2001), a multiplicação das revistas ilustradas no Brasil do final do século XIX e início do século XX, sempre inspiradas nos magazines franceses, acompanha o projeto de modernização do país, que tem início após a proclamação da República (1889), mas que ganha fôlego a partir dos anos 30, 40 e 50 do século XX, com a industrialização e o crescimento das cidades.

### 3.1 As revistas femininas

Tanto Mira (2001) quanto Martins (2001) chamam a atenção para o fato de que as mulheres sempre estiveram entre os leitores mais entusiastas das revistas, e tanto no Brasil quanto em outros países, passaram logo a dispor de publicações feitas especialmente para elas. As primeiras revistas femininas do mundo incluem a *Ladie's Mercury* (1693, Inglaterra) e a *Le Mercure Galant* (1678, França). No Brasil, o *Jornal das Senhoras*, de 1852, é considerada a primeira revista feminina.

As mulheres são o primeiro grupo a destacar-se e a merecer publicações específicas num mercado que viria, posteriormente, a repartir-se em outros segmentos, baseados em faixas etárias (crianças, adolescente, adultos, terceira idade) ou em núcleos de interesse (carros, motos, música, jardinagem, viagens e outros) (Sampaio, 2008).

A segmentação do mercado de revistas, ainda de acordo com Mira (2001), é uma das principais características do processo de “modernização” pelo qual passa a sociedade brasileira, principalmente a partir dos anos 40, a partir de fenômenos como a industrialização e a urbanização aceleradas, o crescimento dos índices de alfabetização e escolarização da população e a sofisticação do mercado de consumo.

A autora destaca ainda que a relação entre as mulheres e as revistas femininas sempre foi marcada pela confiança e pela intimidade. Que a revista é considerada uma amiga e confidente, e que, quando se fala no veículo revista, logo se pensa em mulher: ela considera que a revista é a mídia mais feminina que já existiu.

Conta-se que, durante uma entrevista realizada no final dos anos 1990, alguém perguntou à filósofa brasileira Marilena Chauí quais eram as suas preocupações diárias. E ela respondeu: “Ora, eu vou do bife ao infinito”. E assim também as revistas femininas, que sempre tiveram na diversidade de assuntos a sua marca registrada (Abril, 2000).

E entre as revistas femininas publicadas no Brasil, as revistas de fotonovelas ocuparam um lugar de destaque. Embora fossem contadas como um segmento

comercial e editorial à parte dentro das editoras que as publicavam, essas revistas estavam, de maneira geral, associadas ao rótulo de “revistas femininas”.

### 3.2 As revistas de fotonovelas

No segundo semestre de 1970, as revistas que publicavam fotonovelas no Brasil ocupavam o segundo lugar em tiragem e circulação, perdendo apenas para as revistas em quadrinhos infantis: *Capricho*, da Editora Abril, tinha uma circulação média quinzenal de 211.400 exemplares, enquanto *Tio Patinhas*, *Mickey* e *Pato Donald*, publicados pela mesma editora, tinham uma circulação média periódica de cerca de 400 mil exemplares. Mas se forem somadas as tiragens de todas as revistas de fotonovela da época, as cifras mensais ultrapassam um milhão de exemplares (Sampaio, 2008).

Algumas fontes associam a fotonovela aos folhetins publicados pelos jornais no final do século XIX: um misto de romance, aventura e melodrama familiar em capítulos, quase sempre com final feliz e lido principalmente pelas mulheres (Abril, 2000).

No entanto, pesquisas mostram que a fotonovela nasceu na Itália do pós-guerra, como subproduto do cinema: as primeiras publicações nesse formato (fotos e legendas mostrando as falas dos personagens) foram cartazes de filmes. Os estúdios usavam fotogramas cortados na edição dos filmes para montar seus cartazes e anúncios publicitários, que traziam como que um pequeno resumo do filme. Por isso, em fotonovelas das décadas de 1950 e 1960, não é raro reconhecer o rosto de estrelas do cinema europeu, principalmente o italiano (Sampaio, 2008).

Sampaio (2008) informa que, no Brasil, o gênero chegou no final da década de 1940, com a Editora Vecchi, que começou a publicar *Grande Hotel*, seu título mais famoso, em 1947. Essa editora, que ficava no Rio de Janeiro e encerrou suas atividades em meados dos anos 80, lançou vários títulos ao longo das décadas de 50, 60 e 70, sempre em torno da fotonovela, mas seu carro-chefe, até o fim, foi *Grande Hotel*.

Em 1952, a Editora Abril lançou *Capricho*, que se tornou a mais direta concorrente de GH. Mas a Abril tinha muitas outras publicações, e embora também

tenha aproveitado o filão das fotonovelas com o lançamento de outros títulos, nunca foi dependente do gênero. Outras editoras, como Rio Gráfica (depois Globo) e Bloch também publicaram revistas de fotonovelas na época, mas com circulação menor. *Sétimo Céu*, da Bloch, teve o mérito de produzir as primeiras fotonovelas brasileiras, com atores que começavam a fazer sucesso na emergente televisão brasileira dos anos 60; foi também a primeira a publicar fotonovelas coloridas regularmente, e não apenas em edições especiais.

As fotonovelas deixaram de ser publicadas no Brasil em meados da década de 1980, mas muitos exemplares daquelas publicações sobreviveram e foram preservados, tanto em coleções particulares como em bibliotecas e arquivos públicos, como a Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo, e a Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro.

Sampaio (2008) aponta que a leitura de revistas de variedades em geral, e a de revistas femininas, em particular, foi considerada, historicamente, uma “leitura de segunda classe”, provavelmente em função de seu conteúdo, que tratava de temas considerados sem importância, em comparação aos temas tratados pelos jornais diários, por exemplo, ou pelos livros.

Talvez por isso, e embora tenham ocupado um lugar de destaque no mercado editorial brasileiro durante tantos anos, as revistas femininas, em geral, e as de fotonovelas, em particular, não parecem ter merecido a preocupação do universo acadêmico, uma vez que há poucos estudos relacionados ao tema.

#### **4 PRÁTICAS DE GUARDA E CONSERVAÇÃO DE REVISTAS EM DUAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS**

A pesquisa de campo deste trabalho foi executada por meio de duas visitas técnicas, realizadas no mês de outubro de 2025, a duas das maiores instituições públicas da área de bibliotecas e arquivos do Brasil, localizadas na cidade de São Paulo: a Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade e o Arquivo Público do Estado de São Paulo.

A Biblioteca Mário de Andrade foi fundada em 1925 como Biblioteca Municipal de São Paulo e inaugurada em 1926 na Rua 7 de Abril. Passou a ocupar o prédio

atual, na Rua da Consolação, a partir de 1942. E em 1960 recebeu, oficialmente, o nome de Mário de Andrade. Entre 2007 e 2010, a biblioteca passou por uma grande reforma em seu prédio e instalações, sendo reinaugurada em janeiro de 2011, no aniversário de São Paulo.

O Arquivo Público do Estado de São Paulo foi criado em 1891, e tem como função essencial a gestão dos documentos produzido pelo poder executivo paulista, a preservação dos documentos categorizados como "de guarda permanente" (também chamados de "históricos"), a difusão do patrimônio documental e a concessão do acesso à informação contida em tais documentos.

#### **4.1 Visita à Hemeroteca da Biblioteca Mário de Andrade**

Essa visita foi realizada no dia 2 de outubro de 2025. Desde 2012, a Hemeroteca fica num prédio separado, na rua lateral do prédio principal da biblioteca. São 10 andares de acervo, do 6º até 15º. O Setor de Tratamento da Informação, onde acontece o tratamento técnico dos periódicos, fica no 5º andar e é uma área restrita aos funcionários. Ana Paula Pereira dos Prazeres, responsável pelo setor, explica que a Hemeroteca tem uma classificação fixa própria, seguindo a estrutura andar, sala, estante/prateleira e caixa/revisteiro, sendo que dentro de cada caixa/revisteiro os exemplares são organizados por ordem cronológica, do mais antigo para o mais atual.

O acervo da Hemeroteca da BMA tem cerca de 12 mil exemplares de praticamente todos os jornais e revistas que já circularam no país, inclusive revistas femininas e de fotonovelas, e também muitas revistas estrangeiras, e foi formado com as assinaturas contratadas pela Biblioteca e também com doações. Algumas coleções de jornais estão encadernadas, e os jornais são armazenados na posição horizontal e mantidos em caixas de papelão retangulares. As revistas ficam em revisteiros, na posição vertical, geralmente envoltas numa folha de papel tipo sulfite, mas uma parte está também acondicionada em caixas, de papelão ou plástico (tipo polionda).

No 5º andar encontram-se, por exemplo, a primeira edição do *Jornal do Commercio*, de 2 de outubro de 1923 (doado para a biblioteca já encadernado); um

exemplar da revista *Manchete* de 13 de dezembro de 1952; revista *Autoesporte* de novembro de 1964; revista *Eu Sei Tudo* nº 1, de junho de 1917; revista *Fatos e Fotos* nº 6, de 11 de março de 1961; nº 11 da revista *O Cruzeiro*, de 27 de dezembro de 1958; revisteiro com exemplares da *Revista Civilização Brasileira*; encadernação do jornal *Gazeta Mercantil*; revistas *Placar*, da década de 1970, encadernadas.

No 3º andar fica o espaço de consulta e pesquisa, ao qual os pesquisadores têm acesso para consulta e manuseio de exemplares, mediante agendamento prévio. No 2º andar está localizado o acervo de atualidades, ambiente para o qual não é necessário realizar agendamento prévio. Entre os títulos disponíveis para leitura no local estão *O Clarim*, *Carta Capital*, *Cult*, *Diário do Grande ABC*, *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo*, *Glamour*, *GQ*, *Humanitas*, *Le monde diplomatique*, *Manequim*, *Mais 60*, *Pesquisa FAPESP*, *Piauí*, *Problemas Brasileiros*, *Revista E*, *Revista da USP*, *Revista Internacional do Espiritismo*, *Revista Raízes*, *Valor Econômico*, *Viva Saúde*, *Vogue*.

A Hemeroteca abriga ainda o Núcleo de Preservação e Restauro, que tem a função realizar pequenos reparos nos acervos, tanto o de livros quanto o de periódicos da Hemeroteca. Neste laboratório está também o computador que roda o sistema Climus, que mostra a temperatura dos andares em tempo real (T), a umidade relativa do ar (UR) e o índice de preservação (IP).

Marlene Laky, coordenadora do setor, em entrevista concedida ao grupo durante a visita, afirmou que a melhor forma de acondicionar e armazenar jornais e revistas é em caixas plásticas (tipo polionda). Na Hemeroteca, muitas revistas ainda ficam dispostas em revisteiros, mas segundo ela, isso não é o ideal, porque o papel da revista é mole e vai dobrando, e se a caixa não estiver preenchida por completo, esse posicionamento pode contribuir para a deterioração do material.

Laki afirmou que as caixas ou embalagens “marrons”, isto é, de papelão ou papel kraft, não são adequadas para a manutenção de jornais e revistas porque esse tipo de papel tende a apresentar alta acidez e a soltar resíduos, possibilitando o surgimento de pequenos fungos, que mancham as caixas e danificam os objetos armazenados. Na Hemeroteca da BMA, todas as caixas de papelão foram confeccionadas especialmente para armazenar os periódicos, com material de baixa acidez, mas já estão sendo substituídas por caixas de outros materiais.

Em relação aos grampos, que podem oxidar e danificar as revistas, Laki observa que, devido ao grande volume de demandas atendidas pelo laboratório, não é possível retirar o grampo de todas para recuperar o material, e que isso só é feito em casos graves. Ela lembra também que, embora os grampos de encadernação comercial sejam feitos em metal, material potencialmente oxidável, eles passam por um processo chamado de galvanização, o que geralmente impede a oxidação por um longo tempo. Assim, nem sempre os grampos precisam ser retirados.

Laki destacou ainda que todos os acervos da BMA, principalmente o da Hemeroteca, passam por vistorias periódicas, que visam justamente identificar problemas no armazenamento e na conservação dos exemplares. Quando é identificado algum problema, o material é enviado ao laboratório para ser tratado. Ela enfatiza que esse controle, além do controle ambiental (temperatura e umidade), é a forma mais adequada de manter os acervos sempre em bom estado.

## **4.2 Visita ao Arquivo Público do Estado de São Paulo**

Essa visita foi realizada no dia 7 de outubro de 2025. Desde 1997, o Arquivo ocupa um conjunto de edifícios no bairro de Santana, sede da antiga Fábrica de Tapetes Ita, que foram reformados para atender às necessidades da instituição, os edifícios contam com depósitos para o acervo, além de laboratórios, salas de consulta e um anfiteatro.

O Arquivo não separa as coleções por tipologia das publicações, mas sim por características de conservação e uso. Possui andares dedicados a grandes formatos (cartográficos, plantas arquitetônicas, mapas, cartazes), biblioteca e hemeroteca (periódicos), mas grande parte de seu espaço é ocupado por documentos oriundos dos cartórios e outros órgãos da administração pública do Estado e dos municípios. O Arquivo também mantém um acervo iconográfico (fotografias, filmes), e cada um desses tipos de documentos recebe um tratamento diferenciado.

Um dos prédios é dedicado ao tratamento dos documentos que chegam ao Arquivo, desde a entrada até o armazenamento final. Inclui laboratórios de conservação e restauro, digitalização, microfilmagem e acondicionamento.

O Laboratório de Restauração e Conservação é dedicado à recuperação de documentos que sofreram degradação física, química ou biológica, tornando-os novamente manipuláveis ou digitalizáveis. Para isso, antes de qualquer intervenção, os documentos passam por uma análise para identificar suas necessidades e estabelecer os objetivos do tratamento (restauração completa ou pequenos reparos). Testes de solubilidade de tintas e identificação do tipo de papel são parte essencial dessa análise prévia, para garantir que a intervenção não cause danos ao conteúdo impresso.

O restauro é um processo mais demorado e custoso, envolvendo tratamento químico do papel (por exemplo, neutralização de ácidos), enxertos e recolagem, o que se justifica para documentos de alto valor probatório ou histórico. Já a conservação e os pequenos reparos são intervenções mais rápidas e econômicas, focadas em estabilizar o documento para um objetivo específico (por exemplo, a digitalização), sem o tratamento químico completo.

A acidificação é um fator comum na degradação desses materiais, especialmente em papéis de má qualidade, como o papel-jornal. Por esse motivo, os documentos também passam por um controle ambiental, para desacelerar as suas reações químicas, com rigoroso controle de umidade e temperatura nos depósitos.

Algumas técnicas e materiais para a realização de pequenos reparos foram demonstradas durante a visita, como o papel japonês (Kozo, Mitsuma, Gampi), que apresenta grande resistência mesmo em gramaturas finas, permitindo reparos discretos e fortes. A velatura é uma técnica de reforço para papéis muito fragilizados, utilizando papéis japoneses finíssimos ( $3,5 \text{ g/m}^2$ ), que atuam como uma "armadura" invisível, que não altera a aparência do documento.

O Arquivo também tem a sua própria oficina de fabricação de caixas de polipropileno corrugado (polionda) em diversas gramaturas, produzidas de acordo com as necessidades dos documentos que serão acondicionados. Além disso, tem também um laboratório de digitalização, com máquinas e computadores de grande porte, porque o objetivo é sempre a preservação do conteúdo dos documentos e publicações armazenados.

## 5 APLICAÇÃO DE PRÁTICAS DE CONSERVAÇÃO PREVENTIVA A UM ACERVO PARTICULAR DE REVISTAS DE FOTONOVELAS

No dia 8 de novembro de 2025, foi realizada a oficina de conservação preventiva aplicada a uma coleção particular de revistas de fotonovelas.

A coleção é composta por 165 exemplares, sendo o mais antigo de 1956 e o mais recente de 1982. Os títulos são: *Capricho* e *Ilusão*, da Editora Abril; *Grande Hotel*, *Grande Hotel Mensal*, *Sonho* e *Sentimental*, da Editora Vecchi.

Para realizar o trabalho, foram montadas duas “capelinhas” de cartolina branca para a higienização dos exemplares. Os integrantes do grupo usaram luvas, toucas e máscaras para essa etapa. Foram utilizados pinceis largos e macios (trinchas) e flanelas nesta etapa do trabalho.

As revistas estavam embaladas em papel kraft, e armazenada na posição horizontal numa estante de metal. Elas foram desembaladas com o cuidado de se manter a separação já feita, por títulos e décadas.

Durante a higienização, foi realizada também a avaliação do estado de conservação de cada exemplar. Foi possível observar que a maioria dos exemplares está em bom estado de conservação, embora, durante a limpeza, todos tenham soltado alguma sujidade e fragmentos minúsculos de papel.

Os 18 exemplares de *Grande Hotel Mensal* são encadernados com lombada quadrada, isto é, costurados e colados. Essas revistas são impressas em preto e branco, num papel mais grosso que as demais (provavelmente um papel couché fosco de 90g), e as capas são em papel couché 120g, coloridas.

As demais revistas eram todas grampeadas. No entanto, na maioria delas, não foi possível encontrar danos significativos que tenham sido provocados pela oxidação do metal.

As revistas da época, em geral, eram impressas em papel LWC (Lightweight Coated Paper), porque era uma opção mais leve e econômica que o couché tradicional, mas ainda oferecia uma boa qualidade de impressão, tanto em preto e branco quanto em cores. E as capas eram impressas em papel couché.

Foi possível concluir que cerca de 20 por cento dos exemplares necessitariam de alguma intervenção de restauração. Os problemas encontrados nestes foram capas e/ou folhas soltas, dobras e pequenos rasgos ou puídos em algumas páginas.

Após o trabalho de higienização e avaliação das condições dos exemplares, foi realizado o reacondicionamento da coleção, agora em caixas plásticas brancas (tipo polionda), mantendo a separação original por títulos e décadas. As caixas foram identificadas e recolocadas na estante de metal, mantendo as revistas na posição horizontal.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Durante a primeira parte deste trabalho, isto é, a pesquisa e a revisão bibliográfica, não foi possível encontrar artigos ou outros trabalhos acadêmicos que tratem especificamente da conservação preventiva de revistas. E, de maneira geral, também foi possível verificar que muitos trabalhos que mencionam a “conservação”, na verdade, tratam da preservação do conteúdo de publicações (principalmente com a utilização da digitalização) e não da conservação do suporte em papel.

Por isso considerou-se importante abordar o conceito de conservação preventiva e suas práticas, enfatizando a preservação dos suportes, e não apenas dos conteúdos, já que os próprios suportes são uma parte indissociável da história desses veículos e do lugar que a sua leitura ocupa na história da cultura do país.

Essa importância parece já ser reconhecida e praticada em relação aos jornais diários, porque foram encontrados vários artigos referentes à conservação de coleções de jornais locais ou regionais, destacando a preservação dos exemplares e, em alguns casos, os projetos de digitalização dos conteúdos.

Finalmente, cabe destacar que a importância da disciplina de Conservação, Preservação e Restauro na formação de bibliotecários e arquivistas, já que a teoria e as práticas estudadas nessa disciplina foram fundamentais para a realização da parte prática deste trabalho e para a formação de um olhar crítico em relação às questões relacionadas à conservação das publicações em papel.

## REFERÊNCIAS

ABRIL, Editora. **A revista no Brasil**. São Paulo: Abril, 2000.

ANTUNES, Margaret Alves. **Pequenos reparos em material bibliográfico**. Col. Notas de Biblioteca 2. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 2010.

BECK, Ingrid. O projeto conservação preventiva em bibliotecas e arquivos e a formação de profissionais em conservação no Brasil: necessidades e perspectivas. **Cadernos do CEOM** – Arquivo: pesquisa, acervo e comunicação. Chapecó – SC, ano 18, n. 22, p. 257-264, jul/2014. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2254>. Acesso em: 7 nov 2025.

CALDEIRA, Cleide Cristina. Conservação Preventiva: histórico. **Revista CPC**. São Paulo, v.1, n.1, p. 91-102, nov. 2005/abr. 2006.

CASSARES, Norma Cianflone. **Como fazer conservação preventiva em arquivos e bibliotecas**. Col. Como Fazer 5. São Paulo: Arquivo do Estado / Imprensa Oficial, São Paulo, 2000. Disponível em: [https://www.arqsp.org.br/arquivos/oficinas\\_colecao\\_como\\_fazer/cf5.pdf](https://www.arqsp.org.br/arquivos/oficinas_colecao_como_fazer/cf5.pdf). Acesso em 15 jun 2025.

MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista**. São Paulo: Edusp/Fapesp/Imprensa Oficial do Estado, 2001.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**. 2. ed., São Paulo: Ática, 1996.

MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revistas**. São Paulo: Olho D'Água/Fapesp, 2001.

MONTEIRO, Luciano Araújo. Conservação preventiva em acervos bibliográficos da Biblioteca Mário de Andrade. **Multitemas**. Campo Grande – MS, v. 26, n. 63, p. 25-37, mai/ago 2021.

OKUBO, William; SILVA, Isabel Maria da; D'ANGELO, Rita de Cássia. Preservação da coleção de periódicos da Biblioteca Mário de Andrade. **CRB-8 Digital**. São Paulo, v. 2, n. 1, p. 21-26, maio 2009. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br/download/46414>. Acesso em 18 ago 2025.

SAMPAIO, Isabel Silva. **Para uma memória da leitura: a fotonovela e seus leitores**. Tese (Doutorado). 144f. Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Campinas, SP, 2008.

SERIPIERRI, DIONE et.al. **Manual de conservação preventiva de documentos: papel e filme**. São Paulo: EDUSP, 2005.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos nossos orientadores, prof. Éderson Ferreira Crispim e Prof. Gabriel Justino de Souza.

À equipe da Biblioteca Mário de Andrade, na pessoa de Regiane Iashii e Fran Santos, do Núcleo Educativo; Leonice Alves, do Atendimento; Ana Paula Pereira dos Prazeres, do Setor de Tratamento da Informação da Hemeroteca; Mônica Gomes, do Setor de Memória Institucional, e Marlene Laki, do Setor de Conservação e Restauro.

À equipe do Arquivo do Estado, na pessoa de Alex Santos, Diego de Souza Moraes e Regina Elizabeth Lamano, do Núcleo Educativo; Carlos Eduardo Sampietri, responsável pelo Laboratório de Conservação e Restauração; Rodolfo Martins Cândido, da Oficina de Embalagens, e Victor Souza Santos, do Núcleo de Microfilmagem.

## ANEXOS

Anexo 1 – Capa da revista *Ilusão* de novembro de 1958

**Anexo 2 – Abertura da fotonovela “À sombra da guilhotina”, publicada em Ilusão de novembro de 1958**

Copyright "Agência Primavera"

# À SOMBRA DA GUILHOTINA

**PERSONAGENS PRINCIPAIS:** VISCONDE DE CORBIGNY – dono do Castelo St. Dol; MAXIMILIANO GAVART – criado; MARIA CLAUDIA e ANNA – filhas do Visconde; SAPIGNÉ – curandeiro; BANNEVILLE – administrador do Visconde.

**E** estamos em 1785, em França, quatro anos antes da Revolução que vai afirmar violentamente a igualdade dos direitos. Na Bretanha, como no resto do país, vivem dominadores e oprimidos, separados por absurdos preconceitos de casta.

“Eis o castelo de Saint-Dol, em 1785. Pertence, com seus imensos territórios, ao Visconde de Corbigny, Par de França e Príncipe da Bretanha, senhor absoluto das milhares de camponeses que vivem no seu latifúndio...”

“Ali está o Castelo... e aqui está a minha casa. Sou livre, não sou um camponês. Aqui vivo e colho ervas para curar os homens e os animais. Chamam-me ‘Sapigné, o louco’...”

“Bom dia, Sapigné. Aqui está o livro que me emprestou ontem. Que pressa!”

“Vivo só com as livros que trouxe de Paris, quando de lá fugi, há anos. Mas, tenho alguns amigos. O mais querido, é justamente o que se vem aproximando, Maximiliano Gavart, meu inteligente e desejoso de se instruir...”

“Você leu tudo ou cansou-se nas primeiras páginas?”

“É tudo a noite passada, mas fiquei mais assustado...”

“Ele diz coisas que queimam... Diz verdades. É a verdade que sempre queima!”

“Por exemplo: ‘É contra a natureza que uma pequena minoria de privilegiados possua o superfluo, enquanto a multidão faminta não tem o necessário para viver...’

“É verdade. Mas, se tentássemos mudar as coisas, poríamos o mundo de pernas para o ar. Infelizmente, a gente já nasce pobre ou rico, nobre ou servo. Sempre foi assim!”

“E não é verdade?”

“Não admito a sua resignação!”

4 – ILUSÃO

**Anexo 3 – Fotonovela “O jogo do destino”, publicada em *Ilusão* de março de 1960**

(Copyright Agência Primavera)

# O JÔGO DO DESTINO

**Personagens e intérpretes:**

Erika . . . . .	Rossana Rory
Mário Ferrer . . . .	Sergio Raimondi
Anny . . . . .	Ana Romero

“Numa noite de inverno de 1937, Mário, um jovem operário morador num subúrbio, volta do trabalho, caminhando junto ao rio.”

“De repente nota um vulto de mulher, curvado sobre o parapeito da ponte, com um ar de tristeza e abandono.”

Que há? Sente-se mal?

Não, deixe-me... Não preciso de nada...

Não se sente bem?

Por favor, não se preocupe comigo.

O protesto é fraco e parece que a moça está quase caindo. Mário a sustém.

“Estrangeira, não? Não tenha medo, vamos até minha casa, que fica perto.”

Mário leva-a para sua modesta casa.

Sente-se, enquanto vou preparar-lhe um bom café.

Parece que está melhor, não? Diga que sim e sorria.

Quem é o senhor? É por que é tão bom para mim?

Estou tão cansada... Cansada de tudo... Morrendo de cansaço.

10 – ILUSÃO

Anexo 4 – Abertura da fotonovela “Mata Hari”, publicada em *Grande Hotel* de março de 1968

*Grande Hotel* apresenta

SCILLA GABEL ☆ PAOLO CARLINI

em

**MATA HARI**

FOTONOVELA DE F. SERGI

Mata Hari ..... SCILLA GABEL  
 Arthur ..... PAOLO CARLINI  
 Gerval ..... ALDO PIERANTONI  
 Hans ..... OMERO GARGANO

Direção: L. RADICI      Fotografia: A. RAMELLA

COPYRIGHT EDITORA VECCHI

---

**1910.** É UMA LÍMPIDA NOITE, DE PRINCÍPIO DE VERÃO: AMS-TERDAM ESTÁ CHEIA DE ARO-  
 MAS, TORNADOS MAIS INTEN-  
 SOS PELA RECENTE CHUVA, PRE-  
 DOMINANDO A INEBRIANTE FRA-  
 GRÂNÇA DAS TÍLIAS EM FLOR. UMA BELA NOITE PARA OS NA-  
 MORADOS... MAS NÃO HÁ AMOR  
 NOS OLHOS DUROS DE HANS  
 KURTMANN QUE, OSTENSIVA-  
 MENTE EVITA OLHAR PARA MAR-  
 GARETHE. E, ELA SUSTENTA O  
 INTERROGATÓRIO DO MARIDO  
 ALTANEIRA, COMO SE O DESAFI-  
 ASSE.

Eu lhe havia dito que hoje não saísse.  
 Por que saiu? RESPONDA!

Basta, Hans! Você já destruiu entre  
 nós tudo o que podia destruir. Não  
 puxe demais a corda, se não quiser  
 que ela rebente.

Mude de  
 tom, ou eu  
 não respon-  
 do mais por  
 mim!

Esta se comportando co-  
 mo um louco! Sabe muito  
 bem que não tenho nada  
 a me reprovar! Portanto,  
 exijo o seu  
 respeito!

Talvez eu lhe deva respeito e talvez  
 não! Só você pode saber. O impor-  
 tante é que estava proibida de  
 sair.

Ah, é assim? Pois  
 bem! Sabe o  
 que farei ago-  
 ra, Margare-  
 the?

Saiba, então, que estou farto de vo-  
 cê! Que arranjei uma  
 amante e que vou vê-  
 -la.

Senti vontade de tomar ar, de ver  
 luz! Lembre-se, não sou sua es-  
 crava!

Faça o que quiser. Não me interessa.

Não se atrevera a  
 fazer uma coisa dessas!

GRANDE HOTEL N.º 1099 — pág. 21

Anexo 5 – Capa de *Capricho* de junho de 1961

Anexo 6 – Capa de *Grande Hotel* de outubro de 1982

